



Versus da Sociedade

Crônicas e Poemas

Edmilson Ramos

"Oneroso é o preço da nossa jura

Pois há um cofre gigante

Que acumula o montante,

Sugo das miseráveis criaturas"

Crônicas

Crônica: O Craque e o Crack

Do alto do Morro, avistávamos do outro lado do rio os três campos de várzea que nos proporcionava todas as tardes da semana belas jogadas improvisadas. Era uma rivalidade sadia, pois os anfitriões também eram jovens da periferia que sonhavam com a carreira de jogador de futebol. Ora vencíamos, ora éramos derrotados, porém, o objetivo era realizado, pois havia arte naqueles momentos de paz.

Entretanto, houve um belo dia em que o cal foi substituído por marcações de barbantes no interior do campo. Era o início da construção de uma nova comunidade que invadira o nosso espaço, o nosso único lazer, de forma opressora. Alguns malandros vendiam lotes no interior e ao redor do campo de futebol. Uma semana depois surgiam seres vindos de vários lugares a suspender paredes desniveladas nas posses doadas pelo governador que admitia as invasões por todo o Estado do Rio de Janeiro.

A densidade demográfica aumentara naquele quadrado que antes suportava apenas vinte e dois peladeiros e quebrada as regras, centenas de indivíduos habitavam o lugar das insinuantes apresentações dos artistas da bola. Titulados cidadãos eram donos dos votos falados e fomentavam a sede dos empreiteiros disfarçados de homens públicos.

Passaram-se algumas décadas e aquela fábrica de “craque” fora transformada em fábrica de “crack”, aonde a disputa não é mais a pelota, é o cargo de gerência da empresa terceirizada pelo poder patológico. Ouço estampidos de fuzis todas as noites que me assento ao lado da cama do meu mestre pai que não é capaz de escutá-los, mas vê o meu semblante cansado de tantas aclamações para que um dia volte a nascer do outro lado do rio, gramas no lugar das pedras cristalizadas.

Crônica: Edison com "i"

Não houve a oportunidade para aquele menino o acesso à leitura da "Cartilha da Infância, edição de 1929", mas existiu a vontade de aprender através dos cartazes, faixas e jornais o básico para seguir a vida repleta de batalhas pela sobrevivência.

Quando adulto, teve a sabedoria de adquirir em suaves prestações a coleção completa de Monteiro Lobato, "O Sítio do Pica-pau Amarelo", para que seus filhos tivessem o hábito da leitura. Edison com "i" correspondia a todos quando o assunto era mitologia grega, pois consultava o dicionário cada vez que lia um capítulo da obra e esse hábito de pesquisar o transformou em um cidadão autodidata com a capacidade de aprender tudo.

O Aurélio sempre foi seu fiel companheiro e hoje entendo a relevância da sua presença ao lado da sua cama. Palavras rebuscadas jogadas em sua direção são decifradas e armazenadas naquela parede que se transforma em um estranho quadro, porém, uma arte feita pela mão destra de Edison com "i", prestes a completar 88 anos.

Uma caligrafia elegante traça os detalhes da obra a chamar a atenção da criticidade e quando há o questionamento sobre porquê do projetar na parede, Edison com "i" responde:

- É para que não sumam da minha mente estes preciosos vocábulos.

E a cada dia ele se enche de motivos para viver, pois é grande a vontade de continuar a aprender a linguagem prescritiva, norma culta. O dicionário personifica-se ao observar suas noites e seus dias e quando alguém fala uma barbaridade, ele corrige e utiliza-se da mais linda metáfora: "Eu sou um fiscal da palavra".

"Bem-aventurado o homem que acha a sabedoria, e a pessoa que encontra o entendimento" Provérbios 3:13

Crônica: Gorjeta

Estamos diante de um fato social patológico, a corrupção. Inúmeros poderosos empresários estão a fornecer delações tão espontâneas quanto os aportes dados aos representantes nossos no governo. Sem nenhuma vergonha são expostos diante da justiça a entregar nomes e valores que para a população chegam a ser considerados absurdos.

Este fato nunca foi novidade para ninguém, a corrupção está entranhada no ser humano, salvo aqueles que por questões morais escolhem a opção de não colaborar com a proliferação da doença e buscam a integridade como filosofia de vida.

Então vamos fazer uma reflexão e uma conta dos valores que nos levam a pensar sobre o montante de dinheiro arrecadado pelos extorquistas da nação: No baixo nível de corrompimento, um passageiro de um ônibus aceita pagar apenas vinte por cento do valor da passagem ao pular a roleta e o funcionário da viação recebe a propina para beneficiar aquele que teve a vantagem de oitenta por cento do valor do bilhete. Este proveito é muito maior para os que pagam a propina, pois seus benefícios serão vezes maiores com o que foi gasto. No alto nível, somado a quantidade de chances dadas aos personagens da falcatura multiplicada pelo número de simpatizantes empreiteiros versus os milhões declarados na mídia, teremos ultrapassada a casa dos bilhões.

É necessário que entendamos a situação real do fato a saber que todos os acusados devem pagar pelo crime e os preciosos alcaguetes devem devolver todo o montante do capital adquirido ilicitamente, que haja transparência nas investigações sobre os benefícios recebidos do governo. A porcentagem maior ficou para os caras de pau que aparecem na tela ludibriando o povo a vestir uma figura hipócrita de arrependimento alimentada pela organização que poderá comer do seu próprio veneno.

A medida da corrupção é como o armazenamento dos bytes, começou com kilo e chegou-se ao peta, numa velocidade gradativa como a dos ladrões que expandiram suas contas em volumes redundantes administrados por consultores "Home Office".

Crônica: O Velódromo e o Hospital

Um presente sagrado, o grande elefante branco, a vir do norte da Europa, que deve ser cuidado para que seu pelo seja sempre impecável. Sua textura deve ser conservada em baixa temperatura que faz com que o orçamento de seu possuinte seja em torno de milhões de reais. Do outro lado há um elefante negro nascido nos braços do povo fluminense que tomou posse do mais socorrista da baixada.

Enquanto o animal sagrado é desprezado pelos seus adestradores, que se importam apenas em mantê-lo vivo, o outro é lotado de descasos dos casos. O Elefante negro necessita de ajuda, suas orelhas não abanam mais, todavia, sinalizam o pedido de socorro, ignorado pela união, pelo estado e pela cidade. Sua penugem fede a sangue pisado, empoeirada pela ausência das escovas e seu estado é tão precário quão a cela da prisão do magnata.

O elefante branco não pede socorro. Solitário, ele permanece intacto, refrigerado pelos cofres licitados dos caçadores de marfins. Sua tromba emite sons para os outros animais gigantes alvos como a neve, sons desconhecidos e imperceptíveis. Seu olfato é capaz de sentir a distância da multidão que não mais o abraçará.

O elefante negro pede socorro. Lotado, ele padece aos poucos. O calor aquece todo o seu organismo a fazer com que os resultados de suas ações sejam não conformes. Sua aparência é de morte diagnosticada como falência completa dos órgãos.

É vital a morte do elefante branco e a vida do elefante negro.

Crônica: O Podre Poder

No dia em que será definido o governante da cidade através do voto popular, levanto-me da cama a pensar em encontrar pessoas deixadas para trás. São participantes da minha vida que o tempo os espalhou pela cidade e uma vez em dois e dois anos cruzam literalmente o meu caminho.

Alguns sujeitos não existem mais, pois foram embora por ordem do destino, como aquele crioulo sarará que cantava e encantava, entretanto eu sempre encontro a minha antiga professora particular, uma linda criatura. As esquinas de bares lotadas pela velha guarda assistem a passarela dos cidadãos oprimidos a votarem no conde vampiro e há sempre alguém convidado a participar das lembranças dos tempos dos campos carecas.

A tecnologia avançada nos impede de sermos ralados, pois há sintética grama espalhada pela cidade, fruto das promessas do vencedor que aguarda da Transilvânia Brasileira, o resultado da nomeação do mandato.

A rapidez do processo de votação aumenta o tempo disponível para que o povo transforme o dia que poderia ser de reflexões democráticas em festa de encontros onde não há hora para acabar, pois o som do DJ é altamente convidativo e somos atraídos pela sonoridade do lirismo da nossa música popular. Um coquetel ao ar livre comemora apenas o matar da saudade e o assunto política é trocado pelo futebol, a verdadeira paixão.

A nossa democracia, uma falsa soberania do povo, não funciona como deveria, pois foi imposta por aqueles que nos defendiam e hoje a utilizam para conquistarem o comando, um poder sem moral.

“ Há esperança de que um dia haverá o depor do podre poder”.

Crônica: Vinho

O casamento é um processo muito parecido com o da produção do vinho, a qual as melhores uvas são as virtudes individuais do homem e da mulher, o mosto refere-se à unidade da carne, os sulfitos são as defesas do casal, a água morna representa harmonia, a primeira fermentação é o tempo de adaptação onde são visíveis bolhas e espumas, a segunda fermentação em ritmo anaeróbico liberta o casal definitivamente o levando a ter várias mudanças de hábitos, a levedura é o desejo, elemento inflamável que acende o fogo do relacionamento e finalmente a decantação e filtração são conseqüentemente a separação de tarefas e eliminação de fantasmas.

Jesus fez seu primeiro milagre em uma festa de casamento onde transformou a água em vinho e todo este processo foi feito para que não houvesse constrangimento para o casal e isto prova que Deus prioriza aqueles que o aceitam como vértice principal da união.

Crônicas: Formados

Comemorava-se a conclusão dos cursos de Letras e História e o quintal ornamentado de mesas e flores recebia os convidados da festa. O habitat da “cambacica” mudava seu cenário e a noite cumpria o desejado, um jantar maravilhoso idealizado pela tão orgulhosa matriarca que com sua destreza assumia a culinária. Massas e diversos molhos eram degustados ao som de Evaldo Maroto, Licenciado Professor de História. Vanessa, Licenciada Professora de Inglês, desfilava um chemise que a deixava tão linda como sua trajetória à linha de chegada. Havia uma sintonia entre os comensais, mas um penetra especial invadiu a cozinha americana de Alice a deixando desesperada, pois voava ao redor da bancada apreciando a quantidade de néctar com seus voos rasantes.

- Querido, tira esse pássaro daqui!

-Não, deixe-o.

- Mas como pode um pássaro aqui dentro de casa?

-Amor, deixe-o.

Este pequeno diálogo silenciava o ambiente por alguns segundos e logo se via o pequeno bem-te-vi integrado ao lar. A cada retirada da cozinheira para abastecer a mesa, a cambacica pousava ao lado da pia e recolhia o precioso alimento. Acontecia uma inversão da natureza, o pássaro ouvia o canto do artista que ao adentrar na sala conceito aberto se sentiu lisonjeado com a presença do penetra bom de bico.

- Amor, olha que coisa linda!

A festa continuou e no momento de pausa para o agradecimento, todos regociavam pela vitória dos formados batendo palmas aos céus. Foi quando o pequeno pássaro amarelo e preto despedia-se da festa após ouvir a oração sobrevoando o seu verdadeiro habitat.

“Observai atentamente as aves” — Mateus 6:26

Crônica: O Rei Arthur

Um rei chamado Thiago encantava o mundo com suas proezas. O poder o colocava no topo das celebridades que ornamentavam o grande festival de todas as nações, um evento estava sendo realizado em seu próprio território. O imperador tinha uma grande importância para os seus comandados, porém um dia foi penalizado pela cúpula da arbitragem que por excesso de arbitrariedade o impediu de dar sequência ao caminho da conquista.

Era o momento de Davi assumir verdadeiramente a posição de comandante na batalha e houve um assédio exagerado àquele que tinha agora a responsabilidade de vencer e decretar sem nenhum melindre o título de melhor do mundo.

Veio então o grande desafio: Um gigante de onze patas estava na Arena postado a sua frente e Davi não percebeu a superioridade do adversário e partiu ao seu encontro totalmente desguarnecido. Deixou vulnerável a sua retaguarda que não pode suportar o contra-ataque de um balaio de peixes lançado em direção ao arqueiro que solitário apenas vigiava.

Era o Fim, uma nação inteira chorava, um gosto amargo do vinho Carraro anunciava a tragédia. O momento da catarse, a purificação da alma nunca foi tão longa: Noventa minutos, sete facadas e uma enorme decepção pela perda do mais desejado troféu de campeão.

Tudo em vão, pois mais tarde fora descoberta uma fraude na escolha do país que iria sediar o grande espetáculo. Sua nação fora vendida e todos os esforços suados dos guerreiros foram apagados e a vergonha da derrota se juntara a desonra dos homens de colarinhos verde e amarelo, que se postam diante dos flashes a se vangloriar a servir um outro rei: “O Rei Arthur”.

Intertextualidade “A Galinha dos Ovos de Ouro”

Era uma vez um casal que vivia numa cidade maravilhosa. Eles eram conhecidos por serem muito cobiçosos e nunca estarem satisfeitos com nada. Se estava sol, queixavam-se do calor; se estava frio e chuva queixavam-se de viver numa cidade rodeada de turistas pela sua beleza encantada.

Para além do mais, eram capazes de tudo por uma moeda de ouro!

Um dia, um duende brincalhão que por ali passava ouviu o que se comentava na cidade sobre esse casal, e decidiu provar se era verdade tudo aquilo que se dizia sobre eles.

Numa tarde em que o marido corria nos ares da Floresta da Tijuca, o duende apareceu-lhe de dentro do tronco de uma árvore e disse-lhe: “Olá bom homem! Sentes-te bem? Pareces cheio de cansaço... Será que estás com fome ou doente?”

O homem, um pouco assustado com a presença do duende, respondeu: “Não... não estou doente nem cansado, e também não tenho fome... nada de mal se passa comigo. Só estou triste porque eu e a minha mulher somos pobres e não conseguimos ter muitas coisas boas como gostaríamos de ter...”

Então o duende respondeu: “Se não tens fome nem frio nem estás doente, então alegra-te porque não és pobre!”. Mas o homem insistiu: “Sou sim. Um homem que não tem ouro é pobre!”.

O duende riu-se e respondeu: “Olha que estás enganado. Eu se quiser posso ter todo o ouro do mundo, pois como sou duende sei onde se escondem todos os tesouros. Mas a mim o que me faz falta é a luz do dia, ter o que comer e uma casa quentinha onde possa dormir descansado. Além disso preciso de ter saúde e ser forte para poder caminhar e apreciar tudo o que me rodeia. E como tenho tudo isso sou muito rico e feliz!”

“Disparate!” Disse o homem, e insistiu “Ser pobre quer dizer que não se tem ouro. E como eu não tenho ouro não posso ser feliz”.

“Tenho muita pena de ti homem” disse-lhe o duende “E para que sejas feliz como achas que deves ser, vou dar-te um cargo de poder, vou transformá-lo em Governador do Estado e terás a visão de uma galinha que todos os dias porá um ovo de ouro. Só terás de esperar e recolher todos os dias um ovo. “Não tarda nada, terás todo o ouro que sempre desejaste ter e tu e a tua mulher serão felizes para sempre”.

Do tronco onde estava o duende saiu uma galinha que cacarejava alegremente. O homem, espantado, colocou-a rapidamente debaixo do braço e desatou a correr ladeiro abaixo direitinho a casa, enquanto o duende ria às gargalhadas.

Assim que entrou em casa mostrou à sua esposa a galinha e contou-lhe tudo o que tinha acontecido.

Marido e mulher ficaram toda a noite à espera que a galinha pusesse o tão desejado ovo de ouro. De manhã cedo, a galinha começou a cacarejar e, pouco depois, surgiu debaixo dela um enorme e brilhante ovo de ouro!

Ao verem o ovo, o casal ficou radiante, pois nele havia a descrição de projetos sociais e esportivos capazes de lhes darem fortunas, mas minutos depois, a mulher comentou: “Que chatice... teremos de esperar até amanhã para termos outro ovo de ouro!”. Ao que o marido respondeu: “Pois é... que azar. Terão de passar muitas semanas até termos ovos suficientes para sermos os mais ricos da cidade. Devia ser por isso que o duende se ria às gargalhadas quando me deu a galinha”.

Então a mulher lembrou-se: “Sempre ouvi dizer que as galinhas já têm dentro delas todos os ovos que vão pôr... Se isso é verdade, porque é que não matamos agora a galinha e tiramos todos os ovos de ouro de uma vez? Seremos bem mais espertos do que o duende pensa!”.

O homem concordou, e sem hesitar, pegaram na pobre galinha e abriram-na para assim poderem tirar todos os ovos.

Mas qual não foi o espanto do casal ao ver que dentro da galinha não havia nenhum ovo de ouro...

Marido e mulher começaram a praguejar e a chorar, lamentando-se da sua sorte, pois por ganância tinham perdido para sempre a galinha dos ovos de ouro.

Espreitando pela janela, o duende ria-se e abanava a cabeça, pensando que a verdadeira felicidade não está em ter ou não ouro, mas está sim no coração de cada um.

O Fusível da Sociedade

José fora designado a atender um chamado técnico em um presídio na zona oeste do Rio. A sua experiência não o tranquilizava porque jamais teria pisado em solo cativo e mesmo assim não recusou a tarefa. Às 08h00min da manhã do dia seguinte ele estava na portaria da Casa de Detenção apresentando seus documentos e passando por uma vistoria. Seus equipamentos não seriam tão necessários, pois o diagnóstico do defeito apresentado na Central Telefônica do prédio era de simples atendimento. José fora acompanhado de dois policiais e ao passar pelo corredor de acesso as celas presenciou as mais mal-encaradas faces da Terra. Os prisioneiros reunidos próximos às grades insultavam os guardas e sobravam para o técnico, ameaças e chacotas. O trabalhador perdia um pouco da concentração e mesmo assim se limitava a caminhar aparentando tranquilidade e conseguiu chegar ao local em que executaria o serviço. Era uma cabine localizada no final do corredor e ao entrar não se ouvia mais nenhuma palavra, pois o som das ventoinhas que refrigerava o rack da central abafava os desacatos.

Iniciava-se o procedimento de reparo no equipamento e as mãos de José já não obedecia a sua vontade. O seu cérebro não tinha mais controle da situação e ao abrir o compartimento com sua chave de fenda, deixou-a escapar em direção ao circuito eletrônico situado no módulo de manutenção e causou uma pane elétrica em toda carceragem. Os guardas não sabiam o que fazer, pois todas as celas foram abertas automaticamente gerando um tumulto no presídio e uma perigosa ação dos detentos estava para acontecer.

Mão Branca, o mais perigoso dos detidos, começou uma grande rebelião e liderou o grupo que se apossou das armas dos policiais e os agrediram covardemente. José estava assustado na cabine e foi recrutado por um bando de esfomeados prisioneiros que o espancava.

Um filme passara na cabeça de José. As recordações de sua infância quando brincava de polícia e bandido. Lembrava-se dos conselhos de sua mãe e da fé em Deus. As imagens de um massacre sendo vistas na televisão poderia ser

fatal para sua pobre esposa que vivia com uma saúde precária. O motim repercutia por todo o país e a mídia anunciava que havia reféns em posse de bandidos audaciosos. Uma réplica do Carandiru assustava a todos e criava-se uma expectativa de um novo massacre. As autoridades tratavam de acordar com os foras da lei uma maneira de haver uma trégua em troca de prêmios e melhores condições de tratamento aos condenados. Todos os penhores estavam ansiosos e José era o único que servia de cobaia para aqueles homens revoltados que insistiam em agredi-lo impiedosamente. O pobre homem estava todo lanhado, suas pernas não se moviam mais, seus braços aparentavam fraturas e o que se via era um ser quase mutilado pela perversidade do Sistema, o verdadeiro culpado. Que culpa teria José de apanhar tanto? De ser sovado por pessoas estranhas em pleno momento de labor? De ser humilhado perante o público? O trabalhador já não tinha mais esperança de sobreviver.

O Secretário de Segurança através de uma entrevista coletiva dava satisfação à sociedade sobre a forma pacificadora de tentar a solução sem que houvesse danos ao patrimônio público e prometia a população que desta vez haveria sucesso no acordo que seria realizado com os criminosos.

A negociação para a libertação dos reféns era lenta tal quais as informações que chegavam aos familiares de José e contradizia a velocidade da circulação do fato social patológico nas redes sociais. As imagens de José eram expostas na tela a todo instante e havia quem apostasse na sobrevivência do homem que acidentalmente gerou toda esta desordem. Entretanto, após horas de ajuste, Mão Branca decidiu se entregar e centenas de policiais de operações especiais invadiram a prisão e pacificamente colocaram de volta ao cárcere todos os prisioneiros. Foi chamada uma ambulância para socorrer os feridos e o mais destacado das vítimas foi perseguido por um repórter de um grande jornal e indagou:

“ Eu só fui trocar um fusível.”

Poemas

Poesia Concreta

Sou um arquiteto da poesia
de proposta de equações da arte
para que seja abolida a versificação
e que a linearidade se descarte

Destitui os versos em seu interior
Explorei ao máximo as possibilidades
que tenho de compor nos vazios
um poema silencioso

Expressei-me em forma de cubo
Aproveitei cada espaço
daquela folha em branco
e passo a passo desenhei o seu nome

uma imagem tácita
uma arte verbo visual
repeti o seu nome
em forma de espiral

Poema Concretista

Acordo
Estico o braço
Pego o aparelho celular
E vejo a sua imagem na tela
A me convidar para um bate papo
São duas horas da manhã no canto superior
E capciosas palavras entram por minha larga banda
E depois recebo diversos nudes a encher a memória volátil
Faço um upgrade em minha mente para poder armazenar o conteúdo
São suas as imagens de alta definição a se mover para o caminho dos terabytes
Estou pronto a te processar e executar as ordens que foram dadas pelo meu cérebro
E bloquearei todas as entradas de transportes universais seriais para que ninguém nos invada
Para poder compilar tudo o que foi programado para que eu tenha em definitivo o seu transportar

Rede Disponível

Sem Tetos

Não havia tido moradia
Mas entre as pedras decorativas
Existia um prédio desvalido
Para a miséria apossar

Os degraus estavam puídos
Pelos pés batidos
Dos gêmeos sem tetos,
loiôs da miserável sociedade

Um prédio sem dono
Sob o olhar da autoridade
Que assentada no trono
Assistia o iminente desastre

E a desgraça acontece
No meio da madrugada
Durante o sono dos magnatas,
Adoráveis homens de gravata

Cabedal

Larápios empossados na tribuna
Assentados à mesa do poderio
Plantados a serviço da verba
Velhos reputados pretores de Roma

Os gestos das mãos dos maestros
Não são acenos da benção
É um código de abertura da burra
A corroboração do delito

Crimes sem provas cabais
Sociedade sem prognose
Moroso lavar a seco
Para que não tose as notas

Sem cera

Haverá faces sem cera
Não existirão fachadas
Que à socapa faleça
E a moita desapareça
Quiçá exista um barca
Uma balsa do inferno
Que sugue a peita
E não haja mais seita
E se afogará a cobiça
No fogo maciço
Que só se apagará
No findar da praga
E um mundo sem cobras
Sem sobras, sem cordas
Talvez sincero, sem cera

Cidade Sitiada

Outrora havia retângulos de relva
Onde uma esfera a passear
Pelos pés das feras
Era uma rainha da selva

Ouvia-se o som do apito
E da pelota, o grito
Não se sentia a fobia
Percebia-se a calma

Havia perdidos no espaço
Uma lua de queijo
O namorar sem o beijo
E o maço de cigarros

Hodiernamente, eu vejo:
Os tetos sem gramas
O cortejo à grana
E o sitiar em decreto

As Ruas do Rio

Na entrada da noite
As ruas estão desertas
Não há ninguém a trafegar
Não há porteiros abertas

Há medo no trabalhador
Que andava a caminhar
E caminha a andar
Repleno de temor

É o crime a organizar
Os botes nos perdidos
Nos dias sem lei
Na arena dos bandidos

À margem eles vivem
A pescar nossos objetos
Com varas de ferro
E iscas de concreto

E se a Força prende o sicrano
Ou fuzila o fulano,
O resultado da Tarefa
Alerta os Direitos Humanos

Vaidades

Consumem-se coisas do bernal do mal
A vaidade, o maior dos alimentos
Escoltada do prazer,
O melhor dos sentimentos

Há também perigosos trabalhos
Neste cesto debaixo do sol
Em busca dos atalhos
Isto também é vaidade

E há o vento que dismantela,
Desmorona esta vaidade
Quando empurra o tempo
E não se sabe o seu caminho

" Vaidade de vaidades, diz o maior dos sábios, tudo é vaidade "

Sem Direito e Garantia

O silêncio da madrugada é sustado
Por estalos nos ares
Que procuram condenados
à masmorra do pecado

Prisão sem correntes
Sem portas estreitas
Onde há tantos insolventes
Da seita do diabo

Há um jogo de guerra
Pela mina de ouro
Onde há pepitas de pedra
Malocadas no sumidouro

Enfim há uma pausa
Ouço o perigo passar
Mas perco o efeito da noite,
O direito de sonhar

Loucuras

A loucura invade o mundo
Via intolerância humana
Que não encontra limites
Nesta sociedade profana

A loucura em uma nuvem
Recheada de tolices
Guarda segredos da escuridão
Dos calouros da nação

A loucura dos dementes digitais
Que nada consomem
Que comem dados
Que cancela suas mentes

Salvo o louco da luz
Que recebe o dia
Que à noite repousa
No colchão da harmonia

Acobertado

Está sob os alpendres de lã
No fim da madrugada fria
Essa cria do descaso da sociedade vilã
E surgem os motores a despertar seus sonhos

E o pulo da cama é sem rumo
Pois fora desmarcada a zona
Até que os roncos durmam
No conforto da cama

E perdida ao longo do dia
Do lado da rua dá saltos
Porque ocorre o ataque da fome
Na figura que some do mapa

Barbearia

Assentado diante do espelho
Vejo a queda pelo chão
Dos meus cabelos a ser decepados
Pelas destras mãos

Olho as garras de tesoura
Pelo cocuruto a passear
A ser o melhor do cafuné
A me engalanar

E quando deixo o reflexo
Sinto uma grande sensação
A passar sobre minha cabeça
O côncavo de minhas mãos

É a noção do tempo a passar ...

Impunidade

Conselho que tutela o crime

Com a lei na palma

Liberta a alma suja

E a retoma ao cume

Onde há devotos e votos

À favor do suspeito

Que bate no peito

A jurar santidade

E dá continuidade ao delito

Pois gritos de abafa

Impedem o castigo

Do filhote do Planalto

E a história se repisa

Nada se confirma

É mais uma reprise

Da impunidade

Sociedade

Não faço parte desta sociedade

Não aceito suas vozes

Que são ditadas do alto

No som dos chicotes

Pertenço ao meu eu

Que me concede a mata

Aonde viajo à vergalhões

Com minhas vergonhas de fora

Sem vestes ao tempo

Espero a chuva de vento

Que me leva ao topo

De onde a vejo a minguar

A aguardar a arca ...

Não, não quero

Não quero sopro
Não quero Socorro
Não quero sangue
Não quero sondas

Não quero hematomas
Não quero dores
Não quero sintomas
Não quero doutores

Não quero veias perdidas
Não quero fraldas
Não quero despedidas
Não quero caldas

Não quero gotas de soro
Não quero droga
Não quero coro de choros
Não quero toga

Quero voar como um pássaro ao seu alcance

A Ceia do Mal

A clausura que acomoda

Os que rapinam os pobres

Alimenta os ratos

A oferecer-lhes queijos nobres

A brindá-los com outros sabores

Como os bolos de bacalhau

Que engasga os rapinadores

A calá-los no tribunal

E as flores para as damas?

Donas das joias em penhora

Adversárias na trama,

São “orquídeas sapatinhos de senhora”

Não há controle destes vetores

Pois para eles há fartura na mesa

A formar uma teia alimentar

E para os miseráveis há migalhas e tristeza

Mãe Gentil

O bando os sonhos mata
De quem sua a pelanca
A utilizar a moeda de troca
Do lado delata

O Banco o dinheiro cata
De quem acua a grana tanta
A ceder a cédula toca
Ao fado da mamata

O mando a gorjeta ata
E atua com fama manca
A colher as pétalas de nota
No gado de lata

O manco a lei acata
E encrua na casa santa
A zombar das algemas mortas
No dado da gata

Será pois o Baiano sempre Magnata
A devolver um quebrado de torta
A viver na barra da saia da mãe gentil
Pátria amada, Brasil

Uma Luz

Atento, em meus passos lentos
Observo a minha intolerância
E tento despistar a minha mente
Preste a me derruir

A deixar o meu intelecto
Não posso entregar a outra face,
Uma ordem divina,
Que não consigo consentir

Estou preso ao preconceito
Aceso a um violento ideal
De lançar pedras na culpa
Dos que vêm a me ferir

Uma luz invade a minha cela
A consertar uma pobre alma
E sem nenhuma ressalva
A me obrigar a desistir

A comandar de vez os meus passos
A me apresentar os laços do amor
A me fazer perdoar a dor
E dos pecados me redimir

O Mundo é um Gelo

O mundo a violentar-se a cada segundo
Com ajuda do vento que vem do norte
O mundo a mutilar-se gélido e sopeso
Um gelo seco a refrigerar a morte

A morte é fria como o sangue
Que circula nas veias dos abjetos,
Dos papudos insetos frios
E da astuciosa gangue homicida

Frieza que mata os sonhos reais
Uma geleira na alma alheia
Vivalmas geladas a ostentar
Com minas de vintém alheio

O mundo é um gelo ...

Sexta Negra (Black Friday)

Um dia negro a nos convidar
E vestidos de nada
Aceitamos o convite
Do chupim oportunista

No salão da festa
A música guia nossos passos
Sobre o piso liso
E não nos deixa correr

Nossos olhos são hipnotizados
Pelos manequins airosos
Que apelam ao nos seduzir
Com abates

O nu finalmente
É tapado de joias
É tapado de sedas
É tapado de couro

E no volver para casa
Os corpos estão saudáveis
Vestidos de tudo
Mas, despídos

Impedidos

Entre as grades da sociedade
Nossas asas atrofiam
A impedir o voo da liberdade
E a baldar a vida

Não há alvará de soltura
Para nós, condenados inatos
Não há tutela
Para nós, natos da favela

O sol nasce quadrado
Não há o horizonte
Há um monte farpado
De alta corrente

Há um rio de águas amargas
Onde vivemos à margem
A trabalhar forçados,
A terceira margem

Rio Leso

Rio que deságua nas águas
A receber as águas
Das águas da cabeceira
Onde se avista as águas do mar

Suas águas em abastança
Retrata a bonança das águas
E o barco avança na dança
Das águas em direção ao mar

Uma cutela de pedras
Corta o desfile das águas
Fere as algas do leito
Que mortas deságuam no mar

O rio tornou-se púnico
E o vento nas águas do moinho
Suga o único causador
Do sangue que deságua no mar

Outra vez, o tempo

O tempo conduz

A luz do dia

Mas não impede

A escuridão

A cada instante se vai

O estranho ou o amigo

O que mora distante

ou em seu abrigo

A qualquer momento

A dor pode vir

E desfazer a mesa

Da mansidão

Despencar-se-ão lágrimas

Sobre a terra

As flores

O ataúde

É o senhor tempo levando

Nossos diletos

Sempre o tempo

O que me envelhece

Marcas

Um susto imenso ao perceber
Ser mais uma vítima do ataque
Da escória da sociedade
Uma peça do almanaque

Uma lâmina enferrujada transitara
Nas mãos do pobre penetra da viação
E viera em minha direção
A atingir o osso do meu pescoço

Entre os bancos da lotação
Sofrera mordidas em meu braço
E naquele ingênuo fora da lei
Dera-lhe um abraço de leão

E a faca sendo pleiteada
Por uma infeliz criatura
Penetrara em meus dedos
E Cortara a minha nervura

Cansado das pancadas na cabeça
O coitado largara a cutela
E fugira em disparada
Pelo corredor da morte

E o sangue espirrado fora pisado
Pelos fortes covardes
Esta é a razão
Das cicatrizes em minha mão

A Vida Tomba

A vida tomba
Quem vive na sombra
Quem serra nos bares
Quem aposta em azares

A vida tomba
O demente que zomba
Os homens sem sombras
Que abandonam os lares

A vida tomba
O marido que mente
A esposa que cede
À proposta indecente

A vida tomba
O soldado que pede
A viatura que mede
A cor do rapaz

A vida tomba
O pai que violenta
O filho que parte
E não volta jamais

A vida tomba
A mulher que ostenta
E depois se lamenta
Pela perda do gás

A vida tomba
O aluno que cola
Que guarda na cartola
A carta de Ás

A vida tomba
E só se levanta
O ser que alimenta
A pomba da paz

Livres da Sociedade

O que é liberdade?

Livre arbítrio

Livre acesso

Liberdade para expressar

Liberdade para socar o vento

Liberdade para matar a aula

Liberdade para roubar o tempo

Liberdade para zarpar da jaula

O liberto aprisiona os mestres

Com as correntes dos direitos do homem

Que algemado recebe um toco

E a sociedade lamenta

Mas quem sustenta esta liberdade

É o dono da festa

Uma orquestra montada no morro

Um Monte de Pedras

De Cassius a Muhammad

“Eu nego a guerra”

“Coisa alguma me foi feita”

É a voz do Nego,

Filho da terra

Cassada a sua cinta

Proibido de lutar

Mas a luta pela causa

Ninguém pôde vedar

Ali fora intimado

Pela forma de pensar

E ali condenado

A se nocautear

No ringue existem regras

Na selva apenas o matar

“Ali buma iê”

Grito dos fãs da América

A volta por cima da dor

Como um Galo de Rinha

Depenava o oponente

Na tutela da cor

E subia no palanque sangrado

O seu palco sagrado

E gritava para quem pudesse ouvir

“Não aos outros e Sim para si”

Impunes

Pela fresta sinto o amargo
De assistir ao impune alvoroço
Sobre velhos e moços
Que circulam pelo largo

A cada dia que passa
Há pescoços arranhados
Há cordões arrancados
Ao redor da praça

Há mordanças nas bocas ...
Há vendas nos olhos ...
Há algemas nos pés ...
Há anáfora de erros ...

Metrópole

O que era mata virou pedra
Os rios e suas águas usadas
Viraram asfaltos e latrinas
Águas impuras e escoadas

As nascentes dos rios vanesceram
E os nativos não se banhavam mais
Nas fontes de águas cristalizadas
Que remoçavam seus semblantes de sais

Guiadas pela praga do capital
Dragas gigantes aplainaram o sítio
Basculantes despejavam barros
E ao redor betoneiras dançavam

Nascia o piche, o cimento e a brita
Arena do pega dos pivetes
Que antes eram os rios
Dos nados dos moleques

Há pepitas de ouro no subsolo
Misturando-se ao excremento
Em direção ao sumidouro
De lentas águas correntes

A Sociedade do Espetáculo

O mundo é um espetáculo
Os nossos olhos são a plateia
Diante da luz dos diodos
Os artistas, uma alcateia de lobos

Assistem-se ao escarcéu
Sentados diante da mesa
E no fundo do prato
Comida e tristeza

Não há mais sentido
tragédia sem catarse
comédia sem risos
não nascem sisos

Ao redor do haveres
Protagonistas dos azes
Seres da mesma espécie
Como canibais vorazes

Cabeças d'água

Cabeça vazia no alto do morro,
Recebe o choro das nuvens
E os rios pedem socorro
Ignorado por descaso do povo

O ronco avisa ao povoado
A ira da mãe natureza
E que o perigo está concentrado
Para devastar a pobreza

Uma tromba desce louca
Quebrando galhos assombrados
De folhas poucas do bioma da mata
Que areja a favela

Há telhados espalhados ao chão
Que tapam os escombros
Que cobrem os tombos
Dos meninos desventurados

Cabeças vazias do alto
Recebem o choro das vítimas
E o Rio pede socorro
Ignorado por puro descaso

Foucault: Vigiar e Punir

Não há mais masmorra
Há vigilância constante e reguladora
É a disciplina do mundo moderno
Uma sociedade controladora

Somos corpos dóceis, submissos e exercitados
de alta utilidade e de míngua obediência
Pertencemos a uma massa confusa,
um corpo de trabalho e eficiência

O poder descobriu a manha
O antes absolutamente ínfimo
Hoje um homem fabricado
Fácil de ser domado

O relógio é o senhor do tempo
Que possui o corpo dócil
com ordem e ritmo perfeito
É preciso extrair tempo do tempo

Somos vigiados e punidos
Alienados seres silenciosos
Condenados à perpétua
pelo que não se sabe

O poder é onipresente
Tudo é exaustivamente visível,
mas a vigilância é oculta,
pois somos zeros e uns

Pedras

No meio do caminho há várias pedras
Há várias pedras a caminho
No caminho das pedras há várias pedras
Pedras no caminho das pedras

Haverá sempre pedras
no meio do caminho
do mundo feito de pedras

Pedras sobre pedras
a caminho da idade da pedra
sem pedras no caminho
Pedras a caminho do pó

E Drummond diria:
“No meio do caminho tinha uma pedra”

A Bala Perdida

Em um uniforme conforme
Sem colete e sem capacete
Munido de cadernos punidos
Um menino seguia o destino

Subia os degraus da escada
da ponte que cobre as linhas
No topo, observava o trem
que range e dá chacoalhada

Com a sua cabeça envergada,
não ouvia o som do perigo
as rajadas que vem do abrigo
do amigo de hora marcada

Uma bala silenciosa percorreu o ar
e encontrou a moleira do promitente
que caiu de repente
para nunca mais brincar

Uma bala perdida
Uma criança perdida
Uma sociedade perdida
Uma esperança perdida

Soneto Caíba

Neste mundo é mais rico, o que mais assalta:
Quem mais limpo se faz, é o que mais defeca:
Com sua língua ao nobre o pobre seca:
O velhaco maior sempre tem fachada.

Mostra o patife da nobreza a carta:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro peca;
Quem menos falar pode, mais seca:
Quem dinheiro tiver, pode ser Magnata.

A flor baixa se inculca por caíba;
Bengala hoje na mão, ontem plaina de peroba:
Mais isento se mostra, o que mais cuba.
Para a tropa do trapo vazio a riba,

E mais não digo, porque a Musa aboba
Em aba, eba, iba, oba, uba.

Lobotomia

Somos loucos e cegos
em busca do prazer
Quando o id ataca o ego,
o super moraliza o ser

Somos ora gratificados
ora sob controle
Somos loucos desenfreados
ignorando as dores

Mas desejam nossos cérebros
para nos lobotomizar
Doutores são loucos
Querem nos alienar

Fugimos então da razão
e voltamos ao delírio
à loucura

de viver
em estado de alforria

Somos donos?
Somos livres?
Somos insanos?
Somos ...

O Regalo do Poder

Nos cárceres sem grades
Estão os célebres ratos
A passear no sereno
E a dormir na Supreme

A assistir de camarote
A morte do Rio
A derrota da sorte
E o calafrio dos homens

E o tempo que resta
É como o piscar do alerta
E uma coisa é certa
Não haverá escapula

Pois há o alvará de soltura
Que liberta as ratazanas
Que voltam às mesas
Do crime à paisana

Sanguessugas

O alento do poder
é o nosso sangue pisado
Um alimento alienado
do imperioso vampiro

Egos obcecados
pelo sumo e pela nata
Demolem os sonhos
dos tolos esbagaçados

Sanguessugas insaciados
de dentes afiados
Clamam o pleito
aos necessitados

Que os servem na mesa
com talheres de prata
Um vinho cremoso
com o alho assado

O Nosso “Eu”

Quero olhar-me em ti,
conversar contigo
como o balseiro iluminado
que ensinaste a paz

Tudo farei para o teu sustento
Não deixarei que morras,
não te lançarei detritos
Dos meus braços, esforço e flores

A cada dia ouvir as correntes
do meu consciente receber
palavras sábias que te sustentarão

Um dia serei cinzas
Flutuarei sobre as tuas águas
E me levarás à verdade

Aquela Ditadura

Nunca mais despotismo,
pois ditadas ordens eram vindas do alto
desobedecidas por um povo
ceifado pela espada do planalto

Em dias de lutas e torturas
discentes foram ameaçados,
mas a coragem e a bravura
configuravam o povo arregaçado

Os camuflados penetras, nas ruas
escutavam as vozes dos poetas
e alcaguetavam aos generais
as ideias intelectuais

Os cárceres privados abrigavam beltranos,
donos de planos fracassados,
atormentados por soldados sicranos
e jamais foram encontrados

Com as minhas mãos libertas
e sem medo dos tiranos
Escrevo hoje com abertura
as barbáries daquela ditadura

Negra Mulher

Livres para os olhos da Vitória
Brotos livres sem dores
Há somente espasmos no parto
dos belazes amores

O ventre sagrado
Posse dos brancos senhores
Gerou frutos miscigenados
Uma mistura de cores

Nasceram mulatos:
Poetas do agreste
Escultores aleijadinhos
Ministros mestres

Nasceu uma cultura
Uma própria identidade
Graças ao ventre
da Negra Valente

Livres das correntes
Sem chibatas, sem marcas
Belas, as mulheres
dos libertos ventres

O Barroco

José e Antônio, padres diplomatas
Gregório , consciente zombador
Dois catequizaram por ordem do Papa,
Um satirizou até o governador

Todos ecoaram o barroco,
mas não puderam se encontrar
para dois falarem das promessas
e um outro parodiar

O cultismo atravessou o século
engarupando a literatura de José
A retórica, o conceito e o lirismo
afirmaram o ofício da fé

As antíteses do ódio ao amor,
do silêncio ao grito,
do comprazimento à dor
marcaram a arte do conflito

Assimétricos são os rostos
da felicidade e do desgosto
São belos e feiosos
Frenéticos e bonançosos

Boca do Inferno,
a alcunha que vem dos malditos,
Os poderosos homens de terno
são os que merecem o apelido

Sem Laços

Içados da cama por mãos envenenadas
Animaizinhos cansados do dia e da noite
Têm em seus cabrestos as mãos apressadas
Que manuseiam covardes açoites

Arremessados ao pátio pelas mãos viciadas
Mãos que embalam, mãos fracassadas
Pobres criaturas, filhotes sem berços
que têm do dia apenas um terço

Amansados por doces mãos destras
Libertados das cordas pesadas
O novo habitat é uma festa
Mas lá fora há mãos desesperadas

Sem laços ...

Uma Menina e Um Menino

Na sala de ensino
Uma menina e um menino
Ignoram a ordem
E se ofendem

O danoso sangrado
Com dores pede socorro
E seus amos cegos
Não vestem os gorros

Pobre docente doce
Que manchado de sangue pisado
Comporta-se como se o pirralho fosse
Filhote do seu legado

E apenas socorre ...
E há a pena que morre ...

Docente

Doce ente que aglutinado
É um amável ser
Um docente apaixonado
Pelo ofício que lhe foi dado

A magia do saber em seu poder
É dom de Deus
Todavia, o ensinar e o aprender
São méritos seus

E a cada dia vai continuando
Pois o quadro da escola
Reflete a formar os seus dados
A atingir a carola dos educando

Que escolhem o seu tempo...

Do Gueto

Pequeninos seres do gueto,
com sede escalam paredes e tetos
A maioria com os seus colarinhos pretos
não sabe seus nomes corretos

Seres peneirados pela massa
e garimpados na raça
São pobres criaturas dos bares,
das ruas, nas viaturas

Pequeninos seres especiais,
vítimas do lar, vítimas do asfalto
Avessos às travessuras de seus pais

Há um lugar sem mar, plano e alto
onde gargalham os de mentes delongadas,
seres que não desejam saber do saber

Fases da Surdez

Somos selvagens, mas não somos livres
Somos nativos, somos laços
Não nos deixam caçar
Não querem ouvir os nossos passos

Somos barrocos, mas não somos livres
Somos críticos, somos oposições
Não nos deixam pregar
Não querem ouvir os nossos sermões

Somos neoclássicos, mas não somos livres
Somos objetos, somos heróis
Não nos deixam pensar
Não querem ouvir os nossos caubóis

Somos românticos, mas não somos livres
Somos tristes, somos restos
Não nos deixam falar
Não querem ouvir as nossos protestos

Somos modernos, mas não somos livres
Somos marginais, somos escórias
Não nos deixam entrar
Não querem ouvir as nossas histórias

Somos contemporâneos, mas não somos livres
Somos mortais, somos vivos
Não nos deixam vingar
Não querem ouvir o nossos livros

Somos poetas ...

O Astro

Uma esfera rosa
é no horizonte, o sol
Uma celebridade a desfilar
em passos lentos

Paparazzos em transe
a caminho da labuta
esquecem da luta
e revelam o encanto

O tempo passa e a cor transmuta
e muda o enlevo a fugir os flashes

Ao entardecer,
há o íris, o arco da aliança
e voltam os flashes

Germinal

Brota-se a semente do capital
O germinal da primavera
Um germe da mutação social
Uma nova era

Escoras precárias das minas,
Pagas pelo suor do labor
De pernas dobradas esfolam
As escórias da sociedade

A revolta dos peles pintadas
Entoando gritos de pão
Acende o fulgor do burguês
Que ignora a manifestação

O poeta no meio do povo
Chora pelo revés
Mas recita aos ares da estrada
A letra da esperança

Votos Nulos



Papéis e tiras de panos
jogados ao vento da ignorância,
a que carrega os votos
dos desumanos

Espalhados pela cidade,
misturados no mesmo saco
Não se conhece as fotos
da verdade

As bolsas prometidas
continuarão vivas
Alentando os mortos
de fome

Escravos da necessidade,
cúmplices do atraso
e consagrados à rotos
da sociedade

Imputação

Calúnia, má fé
A inocência do homem
Não é pura
Não apura

É somente minha
A verdade, a dor
E revelam-se no escancarar
Da minha boca

O tempo é justo
Deu-se a tempo
De minha mão pousar
Sobre as palavras

Acreditastes em mim
Sorristes novamente
E enfim, à tona
O perdão

O Fim da Esperança

Está a chegar o momento
É a escolha do assalariado
De mãos de calos e bolhas
Que acredita no prometimento

É o instante da esperança
Dos distantes do labor
Que a confiar na mudança
Comem o pão que se amassou

E quando acaba o optar
Nomeia-se o vencedor
E fecha-se o altar
Para o pobre sofredor

E a última que morre
Dá adeus à guerra
E não mais socorre
O operário que berra

Pérfidos

Belos hipócritas
Mascarados farsantes
De sorridosos tridentes
Que espetam inocentes

Com postura intermitente
Interditam a harmonia
Dos sinceros guerreiros
Do dia a dia

Não temem a vara
Arrogam o mundo
Ufanos inglórios
Adoráveis vagabundos

E o peso da mão corregedora
De palma quente
Detonará a serpente
Das mentes aterradoras

Quente

Clamo ao teu redor e te suplico:

- Pare de me aquecer
- Meus filhos escaldados estão febris
- Porque o teu lume os derrete
- Sofro com os teus impactos e a tua arrogância inata
- A atar fogo em meus cascos
- Seca as minhas fontes e cascatas

O Homem, o homem assa

A água da torneira aquece

O asfalto a suar fumaça

O filhote do pardal padece

Pois o Homem, o homem assa

Quarenta e cinco graus centígrados

Pifa os ares da massa

E gatos a ser flagrados

Pois o Homem, o homem assa

O calor, poderoso carrasco

Consome o termômetro da praça

E a mata por um fiasco

Pois o Homem, o homem assa

Há o efeito, há o degelo

E por mais que se faça

Não se consegue o zelo

Pois o Homem, o homem assa

Seco

Tortuosas mãos que lançam lixo
em qualquer direção do rio
onde há aves pousadas
sem beleza e carne

Mãos que não regem,
Mãos que não escrevem
Mãos que ferem
Mãos poluentes

E fechadas darão adeus
ao Rio seco

Mãos Apressadas

Içados da cama por mãos envenenadas
Animaizinhos cansados do dia e da noite
Têm em seus cabrestos as mãos apressadas
Que manuseiam covardes açoites

Arremessados ao pátio pelas mãos viciadas
Mãos que embalam, mãos fracassadas
Pobres criaturas, filhotes sem berços
Que têm do dia apenas um terço

Amansados por doces mãos destras
E libertados das cordas pesadas
O novo habitat é uma festa
E lá fora há mãos desesperadas

Belicosas Sementes

Belicosas sementes
Brotadas em solo errado
Como em terras secas
Onde os braços do arado

É desviado pela tristeza
E o que vem pra mesa
São apenas caibros
Nas mãos dos valentes

Língua Maldita

Língua maldita
Que sente bom o paladar
Das tortas palavras
E fere o amor

É aquela que ora
Que chora aos pés
Que ao invés de socorrer
Acusa o confrade

Poupe os ímpios
Os meus
Os seus
- Cala-te agora!

Sanguessugas

O alento do poder
É o nosso sangue pisado
O alimento alienado
Do imperioso vampiro

Egos obcecados
Pelo sumo e pela nata
Demolem os sonhos
Dos tolos esbagaçados

Sanguessugas insaciados
De dentes afiados
Clamam o pleito
Aos necessitados

Que os servem na mesa
De talheres de prata
O vinho cremoso
Com o alho assado

Holocausto Brasileiro

Houve um tempo sem tempo
Havia uma senzala sem escravo
Haveria socorro sem medo
Há um desinteresse do caso

Era um lugar mais distante
Muito longe da capital
Onde não havia o mirante
A observar o hospital

Eram lançados à colônia os entes
Onde o sol desancava suas peles
E as moscas varejavam as feridas
Dos carimbados doentes

Milhares de caixas a desfilar
A subir o morro dos mortos
A ser enterrados sem forro,
Os indigentes sem foro

O artista desenhou a barbaridade
Que pousava desfolhada, nua
E revelou em letras
O genocídio da sociedade

E ao redor do penar dos inocentes
Uma coroa de flores a se perdurar
Enquanto as mãos dos dementes
Atestavam o finar

Vida Seca

A sede da justiça se manifesta
E porta do Guandu se fecha
Três dias secados sem gotas
Há meninos esgotados

Minha Sinhá desesperada
Com as vestes e louças enodoadas
Do suor e da boia
Da tipoia do seu braço

A cadela não caça
Lambe os pés empoeirados
Do vaqueiro do asfalto
Que odeia o soldado

O governo é culpado
Da vida seca
Do flagelado
Da aridez

Cadeia Velha

Entre a grade e a rua
Há um clarão
É o relâmpago da prisão
Dos reis das falcatruas

Que fingem candura
A fazer o bando parlamentar
O alvará de soltura
Que faz o povo lamentar

Mas o raio a cair de novo
No mesmo lugar
Lava a alma do povo
Que tem fogos a soltar

Foi pois justo o tribunal
A voltar à gaiola
Onde se faz escola
Os três deputados do mal

Balas de Borracha

Nada será salvo
Gigantes são levantados
Elefantes são alvos
E o capitalismo é mascarado

Seres são alienados
Como cobaias da cilada
Depois de tudo concreto
Botam a cara na tocaia

Os gigantes se levantaram
Do norte ao sul do país
Deixamos ressuscitá-los
Em cima do nosso nariz

Agora não adianta lutar
Eles venceram de novo
E as balas de borracha
Simbolizam o nosso povo

Ao soar do apito
O desbaratado festeja
E ecoa apenas o grito
Das bocas das cervejas

Olvida-se o povo
Alienado de novo
Molda-se o povo
Ludibriado de novo

O Meio Ameaçado na Ilha do Governador

Há um jardim na antiga Guanabara
Remanescente da mata do Mar de Atlas
Onde pousara as belas aves e os atrevidos micos
A ser degradado pela cupidez dos ricos bandidos

Um bosque é anunciado à mesa de cartas marcadas
E as dragas das pragas são lançadas
A silenciar o som dos pássaros cantores
E a atormentar o sono dos nobres moradores

Não há mais a relva que amparava os miolos
Que atraíam as columbinas do jardim
Existe apenas um punhado de pó de barro
No lugar das sementes do capim

É o meio ameaçado na Ilha do Governador ...

A Morte da Arte

Onde as artes estavam a se misturar
Os talentos dadiavam gargalhadas
E sobre as mesas forradas de gargalos
Havia a alegria das letras espalhadas

Interrompida pelas rajadas de trabuco
Detonadas pelos perversos vagabundos
Que dominam o nosso mundo,
As nossas praças

E há dois corpos sobre os prismas de pedra
Que rodeiam o largo a entristecer a noite
Anfitriã dos nossos sossegos
Que chora a cada tiro do açoite de chumbo

E a arte morre naquele lugar...

Havia

Minha terra tinha palmeiras
Onde cantava o sabiá
Mas com o derrubar das madeiras
Não se ouve canto lá

Havia a beira do rio
Onde eu caçava preá
Porém existe uma calçada
Para a elite passar

O morro de barro cobria o matagal
Que hoje cobre a estrada
Onde há olhos famintos
No meio da encruzilhada

Tinha sanhaços nas amoras
A consumir meu pospasto
Entretanto, há um bando de abutres agora
De carne a se alimentar

A Febre

Não haverá mais bugios
Na mata do Mar de Atlas
A beber água no rio
Que mata a sede dos primatas

Pois o homem invade o verde
A arranhar o céu
Contudo edifica as paredes
Do seu nobre mausoléu

E a peste que mora ao lado
Via moscos sobrevoará
Pois a morte dos macacos
Não mais alertará

E muitos findar-se-ão
Vítimas dos vetores do mato
Pois o homem será a razão
Do seu próprio assassinato

Desalentados

Sem forças para encontrar o labor
Milhões de indivíduos estão sem serviço
Sob o olhar omissor do promissor
Que brinda a cada lanço

E driblam a norma dos tributos
A comercializar o perecível produto
Em lugares escondidos
À mercê do cobrar dos bandidos,

Os amargos donos da farra
Que recolhem os impostos impostos
Sem código de barras
Mas mais baratos que os encargos

E não há receita ...

Cor Sem Preconceito

Se o preto é um cara pobre

Tem a alcunha de Feijão

Isso é discriminação?

E se o branco é um cara pobre e o chamam de Arroz?

Isso é zoação?

Não, não é problema racial

É problema social

Se o preto é rico não há indistinção

O preto fica bonito e há aproximação

E se o branco é pobre não há integração

O branco fica feio e há segregação

Não, não é problema racial

É problema social

A cota do preto, o branco protesta

É o branco querendo se justificar

A cota do branco, o preto detesta

É o preto não podendo lutar

Não, não é problema racial

É problema social

E se o preto salva o branco?

A sociedade desce do tamanco

O preto doa sangue que misturado ao sangue do branco lota o banco que transfunde por ordem do branco que de jaleco branco salva o preto e tantos brancos.

E bato no peito que sou mulato, miscigenado pelo ato preto e branco e o meu sangue é da mesma cor do preto e do branco, a cor sem preconceito.

Duro de Matar

A sobrevoar um complexo da cidade
O colibri de aço alcagueta o delito
Anexo ao transitar do laborioso
Que não se afeta

E denuncia em rede local
A sede do que recepta o mobiliário
Sem dar ao pobre oficial
O direito de comprar

É a realidade da sociedade dos pobres
Que pelo descaso é sufocada
A ser surrupiada pelos nobres covardes,
Os vampiros da velha-guarda

É a cupidez do homem
Que se aperfeiçoa na arte de roubar
A fazer escolas de vermes
Duro de matar

E se não houver o amanhã?

Não apresses o amanhã
Viva o hoje tão descomedidamente
Para que o ontem deixe saudades
Da quantidade de prazer

Tolere os alaridos da madrugada
Para que o som do começar do dia
Seja o de uma sinfonia de amor
A vir dos bichos de seda

Não retenha o suor da vontade
Conceda seus braços
Desabroche as flores
Com o calor de seus abraços

Viva com veemência a cada instante ...

Poesia

*A poesia me faz magnânimo
Limpa os meus dissabores
E as minhas vinganças
A me tornar amoroso*



RAMOS, Edimilson

*As letras invadem minha mente
E conduzem meus dedos
A formar assonância
Nos versos que mentem*

*E o meu coração se põe a cantar
As estrofes de estranhos refrãos
que embelezam a minha arte
que atraí os olhares da multidão*

*E me sinto um ser figurado
Verossimilhante, próximo da realidade
Pois também sou declamado
Sou mentira ou verdade*